
O Perfil Profissional e a Educação do Bibliotecário Escolar

JOSÉ ANTÓNIO CALIXTO

Os recursos humanos são desde há muito considerados elementos fundamentais para o desenvolvimento dos sistemas bibliotecários. Isto só pode levantar dúvidas num país como o nosso, que desde sempre se habituou a viver praticamente sem bibliotecas, e onde estas foram consideradas como meros amontoados de livros (mal) armazenados. É hoje claro, por exemplo, que o sucesso da Rede de Leitura Pública se deve muito ao facto de a sua implementação ter sido acompanhada por um programa de formação de Técnicos de Biblioteca e Documentação. É igualmente fácil constatar que as escolas que conseguiram (apesar de tudo) criar e desenvolver bibliotecas foram aquelas que tiveram a sorte de dispor de um professor entusiasta e interessado.

No entanto a formação de recursos humanos para as nossas bibliotecas escolares não só nunca foi assumida pelo Ministério da Educação como tem sido muito pouco e mal discutida entre os profissionais do sector. Com efeito, não há legislação clara que indique o perfil profissional dos técnicos que trabalham nas bibliotecas escolares; por outro lado o número de horas atribuído para desempenhar estas funções, com base na legislação existente é manifestamente insuficiente e varia muito de escola para escola.

O que é mais intrigante, no entanto, é que mesmo entre os colegas com quem tenho discutido esta questão há alguma relutância em aceitar a designação de bibliotecário escolar ou outra equivalente. Professores dedicados que passam muitas e muitas horas a trabalhar para a biblioteca da sua

escola, sem nenhuma compensação económica, queixando-se de que não têm tempo para desenvolver o seu trabalho como sentem ser necessário, demonstram, no entanto, relutância perante a perspectiva de serem nomeados a tempo inteiro para a biblioteca escolar e refugiam-se na afirmação de que «não querem deixar de ser professores».

Nesta comunicação pretendo demonstrar a necessidade absoluta de ser equacionado o cargo de bibliotecário escolar — se se quer ter bibliotecas escolares — e ainda que, mesmo não actuando formalmente numa sala de aula, o bibliotecário escolar é um dos mais importantes professores de toda a escola. Fá-lo-ei com base na análise de alguns textos sobre esta matéria e nos levantamentos feitos ao longo de alguns anos de experiência no trabalho com as bibliotecas escolares.

Por motivos metodológicos e para delimitar o objecto deste pequeno estudo, centrarei a minha atenção exclusivamente sobre o bibliotecário escolar, deixando de parte outros técnicos, igualmente imprescindíveis, como os técnicos adjuntos, administrativos, especialistas em audiovisuais e em informática.

O bibliotecário escolar

Uma primeira questão prende-se com a pergunta se sim ou não deve haver um bibliotecário escolar. A resposta não pode ser senão claramente afirmativa e isto é uma constante em todos os textos consultados. A designação do cargo pode variar, as quantidades e tempos atribuídos não são sempre os mesmos, mas a existência de um técnico de nível superior encarregue da gestão da biblioteca escolar é inquestionável. É o que indicam, por exemplo, as *Linhas orientadoras*¹ da Unesco:

«Em cada escola deve haver pelo menos um bibliotecário escolar profissional especialista em média, a tempo inteiro. Para ser significativo, o programa da biblioteca escolar deve ocupar todo o horário de abertura da escola, e requer pessoal a tempo inteiro. Com pessoal adequado, os serviços crescem. A presença de um bibliotecário escolar especialista em média a tempo inteiro conduz a um aumento significativo do uso da biblioteca escolar e ao uso mais completo possível dos materiais. Deverão ser feitos planos para empregar mais um bibliotecário escolar profissional especialista em média, a tempo inteiro para escolas com mais de 500 estudantes. Escolas maiores podem determinar mais lugares de acordo com a inscrição dos estudantes e a natureza do programa de média.»

A dupla qualificação

Um dos tópicos mais discutidos na literatura sobre este assunto é a qualificação profissional do bibliotecário escolar. Concordo absolutamente com Ana Pessoa quando defende que este cargo não deve ser atribuído a um bibliotecário diplomado, pois há muitas tarefas que só podem ser atribuídas a um professor². Por este motivo é geralmente defendida uma dupla qualificação, como faz por exemplo o *Manifesto da Unesco*³, ao proclamar que «*as mediatecas escolares deverão dispor de pessoal com qualificações profissionais em educação e biblioteconomia, assistido por um número suficiente de pessoal de apoio*».

Um relatório publicado no Reino Unido em 1984⁴ recomendava inequivocamente que «*é desejável que as autoridades locais de educação continuem, numa perspectiva de longo prazo, a tentar empregar pessoal com dupla qualificação para trabalhar como bibliotecário escolar*». Reconhecia-se pois igualmente a necessidade de um técnico com duplas habilitações profissionais.

Uma forte e clara defesa da dupla qualificação é-nos apresentada por James Herring⁵:

«Dada a importância destes atributos e a ênfase nas necessidades dos utilizadores, pareceria que a dupla qualificação em biblioteconomia/ciências da informação/gestão da informação e em educação produziria bibliotecários escolares que usariam as habilidades e conhecimentos de ambas as disciplinas para obter o reconhecimento de outros profissionais na escola.»

O bibliotecário escolar enquanto professor — as habilidades de informação

Um outro documento da Unesco⁶, a que nos referiremos a seguir com mais pormenor, sublinha o papel pedagógico da dupla função do bibliotecário escolar:

«O papel do bibliotecário escolar é primeiramente o de um educador, tanto nos aspectos formais como informais da educação. Apesar de poder não operar numa sala de aula tradicional, é mesmo assim um professor. Planeia situações de aprendizagem na biblioteca escolar; apoia os estudantes na aprendizagem, selecciona recursos de informação relacionados com as aulas e mostra a professores e estudantes como usar estes recursos no ensino e aprendizagem.»

Se é um professor, é natural que se pergunte qual é a disciplina que ensina. Esta pergunta levanta muitas outras questões, cuja resposta não

posso sequer tentar dar no contexto desta comunicação. Na verdade o bibliotecário escolar, enquanto professor, é responsável por aquilo que a literatura designa como «habilidades de informação», e que podem ser definidas como um conjunto de capacidades transversais ao currículo, e que estão na base de toda a capacidade para estudar independentemente da disciplina. As habilidades de informação são: planeamento; localização e recolha; selecção e avaliação; organização e registo; comunicação e realização e avaliação. É meu forte convencimento que a falta de definição clara de um currículo de habilidades de informação está na base do predomínio ainda vigente de uma pedagogia autoritária, centrada no professor e na sala de aula, e de muito do insucesso do nosso sistema educativo.

O bibliotecário escolar enquanto gestor

As *Linhas Orientadoras* da Unesco elaboram desenvolvidamente sobre o perfil profissional do bibliotecário escolar enquanto gestor. Ele é aqui apresentado como um competente e qualificado gestor de uma organização, capaz de interagir transversalmente com todos os sectores da escola e fora dela, um bibliotecário com o completo domínio da cadeia documental e um líder de uma equipa qualificada.

«Os bibliotecários escolares são também responsáveis por uma efectiva administração e organização da biblioteca escolar», sublinha, por outro lado, o texto de apoio à formação de professores no Pacífico Sul⁷, que apresenta uma longa lista das suas tarefas neste campo, de onde destaco as seguintes: «Planear a organização do espaço da biblioteca, mobiliário e equipamento; interpretar e implementar as políticas e directivas da escola com o pessoal da biblioteca escolar; desenvolver e implementar as políticas e procedimentos da biblioteca; planear em colaboração com e responder perante a direcção da escola no que diz respeito às operações, programas, orçamentos, etc. da biblioteca escolar.⁸»

O bibliotecário escolar enquanto técnico de biblioteca

Uma das maiores dificuldades actualmente sentidas pelos professores responsáveis pelas bibliotecas escolares é a que se prende com as tarefas mais claramente biblioteconómicas, isto é aquelas que têm a ver com a selecção e aquisição de materiais, o tratamento técnico documental, a organização e prestação de serviços bibliotecários, e obviamente a informática.

A utilização generalizada da informática, a existência de agências bibliográficas especializadas e o trabalho cooperativo têm nos últimos anos tirado grande peso às tarefas mais especificamente técnicas, permitindo às bibliotecas colocar o acento tónico nos serviços prestados ao utilizador. Ainda assim há um vasto campo de conhecimentos técnicos, que a informática só veio alargar devido ao fornecimento de informação em novos suportes, e que continuam a ser indispensáveis a qualquer bibliotecário. As Linhas Orientadoras da Unesco⁹ apresentam uma vasta lista de tarefas a desempenhar pelo bibliotecário escolar enquanto técnico de biblioteca, das quais selecionei as seguintes: *«seleccionar, adquirir, e organizar materiais e equipamento; recuperar e distribuir informação nas formas necessárias aos utilizadores; estimular professores e estudantes para o uso dos materiais da biblioteca, os do centro de média da biblioteca escolar e outras bibliotecas; gerir sistemas de recuperação e referência, incluindo a partilha dos materiais com outras bibliotecas e centros de informação; delinear a produção de materiais; participar em reuniões profissionais»*

Qualidades pessoais

Há um perfil psicológico e qualidades pessoais que recomendam claramente certas pessoas para um cargo deste tipo. James Herring cita N. Beswick num estudo sobre «Conhecimentos e habilidades necessárias ao bibliotecário escolar»: *«De acordo com Beswick, 'há uma coisa sobre todas as outras que é necessária à pessoa encarregue da organização dos recursos bibliotecários — liderança pelo exemplo' em relação às habilidades de informação, aprendizagem baseada em recursos e trabalho projecto.*¹⁰»

Outras capacidades apresentadas relacionam-se geralmente com liderança, adaptabilidade, consciência política em relação à política educativa, capacidades para se apresentar e relacionar com os outros professores, flexibilidade de espírito, maturidade, dureza, bem como conhecimento dos desenvolvimentos actuais em biblioteconomia e em educação.

«Acima de todas está a capacidade para contribuir como um igual, parceiro profissional trabalhando como um membro coordenador da equipa gestora dos recursos educativos.

*«Lidando com uma grande variedade de pessoas dentro da escola e na comunidade mais alargada requer boas habilidades de comunicação, incluindo a habilidade de falar claramente, apresentar e defender uma causa e ser assertivo quando necessário.*¹¹»

Formação profissional

Uma questão intimamente relacionada com todas as que temos vindo a abordar é a da formação profissional destes técnicos. Se se espera um perfil profissional como o que temos vindo a abordar, então qual deverá ser o currículo da sua formação? Frances Laverne Carrol¹² apresenta-nos, entre outras a seguinte sugestão:

1. Média, incluindo avaliação e selecção, produção, organização, recuperação e utilização;
2. Gestão, incluindo habilidades de comunicação e relações humanas;
3. Currículo e Aprendizagem, incluindo desenvolvimento curricular;
4. Pesquisa, incluindo interpretação de estudos existentes, determinação das necessidades futuras e projectos de investigação/acção.

Uma experiência muito interessante no que diz respeito à formação de professores para a documentação foi desenvolvida na Região do Pacífico Sul, o *Projecto Piloto da Região do Pacífico Sul para o Desenvolvimento das Bibliotecas Escolares : Programas de Formação para Professores*¹³. Este Projecto levou a cabo dois cursos, especificamente desenhados para uso em programas de formação para professores e professores-bibliotecários na região do Pacífico Sul, como parte do Projecto Piloto para o Desenvolvimento das Bibliotecas Escolares, financiado pelo Programa Geral de Informação e UNISIST, da UNESCO, mas são de aplicação universal.

O primeiro curso destina-se a todos os professores, e é sobre o uso de recursos de informação e bibliotecas por professores. Apesar do seu interesse, a ele não me poderei referir por limitações de espaço e tempo.

O segundo curso destina-se a professores em formação inicial que desejam privilegiar a biblioteconomia escolar no seu curso de formação. Tem uma duração de 220 horas e é orientado para a formação básica de um professor bibliotecário no ensino primário e secundário. O desenvolvimento sugerido é de um seminário de 2 a 3 horas por semana durante três anos académicos.

Os conteúdos deste curso são os seguintes:

1. O papel dos recursos de informação no ensino e aprendizagem;
2. Recursos e serviços de informação;
3. A biblioteca escolar, uma panorâmica;
4. Selecção e avaliação dos recursos de informação para as escolas;
5. Usando recursos de informação;
6. A biblioteca escolar, organização e gestão.

É neste último ponto que são desenvolvidas as técnicas biblioteconómicas e são tratadas as questões essenciais do funcionamento da biblioteca escolar enquanto biblioteca.

Este curso representa uma sugestão interessante para o que poderia ser feito em Portugal no que diz respeito à formação de bibliotecários escolares: na formação inicial de professores poderia ser dada aos estudantes a possibilidade de, ao mesmo tempo, adquirirem a formação necessária para serem bibliotecários escolares.

O bibliotecário escolar em Portugal

A função do bibliotecário escolar não é reconhecida legalmente em Portugal. As peças legislativas que têm surgido sobre as bibliotecas escolares são geralmente vagas e não têm conseguido trazer as bibliotecas a uma existência efectiva. As referências ao responsável por este serviço são ainda mais escassas e reduzem-se ao número de horas (duas) a atribuir por semana a um qualquer professor, independentemente das suas características pessoais ou formação.

Duas tendências podem ser detectadas neste campo. Uma, onde a biblioteca escolar é incipiente ou mesmo inexistente, tem levado à nomeação de «responsáveis» entre os professores mais idosos ou com menos saúde, que assim ficam com menos duas horas lectivas no seu horário semanal. Outra tendência, que tem vindo felizmente a acentuar-se, leva à nomeação de professores dinâmicos e empreendedores, muito interessados em desenvolver as suas capacidades, mas geralmente muito limitados pela falta de preparação, principalmente em biblioteconomia.

Quanto à formação, a Rede de Bibliotecas Públicas tem desempenhado um papel importante e quase único, acompanhado por algumas Escolas Superiores de Educação e, mais recentemente, por organismos empenhados na formação contínua de professores.

A formação realizada neste âmbito não tem nem nunca poderia ter resultados satisfatórios e a eficácia necessária, por várias razões. A primeira tem a ver com a reduzida duração destes cursos. Sabendo que o Curso de Especialização em Ciências Documentais tem uma duração de dois anos lectivos e mais de vinte cadeiras semestrais com durações que rondam as trinta horas cada uma, pode-se avaliar o que significam cursos de trinta ou quarenta horas. Mais importante que isto é, no entanto, a falta de perspectivas profissionais de quem quer ser «bibliotecário escolar». Não há uma carreira

profissional estabelecida, e nem sequer uma redução de horário lectivo minimamente compensatória. Tem sido, por outro lado, muito frustrante verificar que das pessoas que fazem estes cursos poucas são as que, por diversas e justificadas razões, efectivamente permanecem à frente das bibliotecas por mais de um ou dois anos.

Conclusões

Os problemas abordados não podem ser equacionados independentemente da abordagem geral da constituição de uma Rede Nacional de Bibliotecas Escolares, e é hoje evidente que esta Rede não pode ser constituída independentemente da Rede Nacional de Leitura Pública. O bibliotecário escolar é apenas (!) uma parte dos recursos humanos, e estes, embora fundamentais não fazem sentido sem os outros recursos, materiais, financeiros e de informação.

A abordagem integrada da questão das bibliotecas escolares no nosso país não pode ignorar as experiências realizadas por todo o mundo onde as bibliotecas escolares são uma realidade com já várias dezenas de anos de existência. Refiro-me obviamente ao mundo anglo-saxónico, com o Reino Unido e os Estados Unidos à cabeça, mas de onde não devem ser postos de lado países como a Austrália e Nova Zelândia; os países nórdicos e a França podem igualmente dar importantes elementos de inspiração para o nosso trabalho. Igualmente não pode ser ignorada a experiência de algumas bibliotecas públicas em programas de cooperação com escolas que incluem normalmente uma vertente de formação tanto de professores como de técnicos auxiliares.

Uma resposta tem de ser procurada para esta pergunta: o que será mais viável, mais eficaz, o que produzirá mais resultados a curto e médio prazo, fazer de alguns professores bibliotecários ou fazer de alguns bibliotecários professores?

Posso adiantar que me inclino claramente para o caminho de procurar entre os professores, de preferência entre os que já estão ou estiveram ligados ao trabalho em biblioteca escolar, aqueles que tenham um perfil que se aproxime do que atrás referi, e de uma forma muito séria e consciente diagnosticar as suas necessidades de formação e dar-lhes a oportunidade de as satisfazerem. Isto não pode passar ao lado da criação de uma carreira profissional atraente e estimulante, e está, é claro, dependente da vontade política e das disponibilidades financeiras de quem governa no nosso país.

Notas

¹ CARROL, Frances Laverne; BEILKE, Patricia F. — *Guidelines for the planning and organization of school library resource centres*. Paris : UNESCO, 1979 (PGI-79/WS/17), p. 12.

² PESSOA, Ana Maria — *A biblioteca escolar: organização para uma pedagogia diferente do 1.º ciclo do ensino básico ao final do ensino secundário*. Porto: Campo das Letras, 1994, p. 25.

³ MANIFESTO DA UNESCO SOBRE MEDIATECAS ESCOLARES. In CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 4, Braga, 1992. *Informação ciência cultura : bibliotecas e arquivos para o ano 2000: actas*. Braga : BAD, 1992. 2.º vol., p. 512-513.

⁴ SCHOOL LIBRARIES: THE FOUNDATIONS OF THE CURRICULUM. HMSO, 1984, p. 12.

⁵ HERRING, James E. — *School librarianship*. 2nd. ed. London: Library Association, 1988, p. 14.

⁶ SOUTH PACIFIC REGION PILOT PROJECT ON SCHOOL LIBRARY DEVELOPMENT: TRAINING PROGRAMMES FOR TEACHERS. Paris: UNESCO, 1984 (PGI-84/WSW/13), p. 359.

⁷ Idem.

⁸ Idem, p. 362.

⁹ CARROL, Frances Laverne; BEILKE, Patricia F. — *Guidelines for the planning and organization of school library resource centres*. Paris: UNESCO, 1979 (PGI-79/WS/17), p. 12-13.

¹⁰ HERRING, James E. — *School librarianship*. 2nd. ed. London : Library Association, 1988, p. 14.

¹¹ KINNEL, Margaret (ed.) — *Learning resources in schools: Library Association guidelines for school libraries*. London: Library Association, 1992, p. 22-23.

¹² CARROL, Frances Laverne — *Recent advances in school librarianship*. Oxford : Pergamon, 1981, p. 152.

¹³ SOUTH PACIFIC REGION PILOT PROJECT ON SCHOOL LIBRARY DEVELOPMENT: TRAINING PROGRAMMES FOR TEACHERS. Paris: UNESCO, 1984 (PGI-84/WSW/13), p. 359.